Biblioteca Centro de Memória - Unicamp

CMUHE012752

FARJALLAT, Célia Siqueira. A vida nas antiga fazendas. Correio Popular, Campinas, 28 maio 1987.

A vida nas antigas fazendas

C. Siqueira Farjallat

As velhas fazendas com seus casarões coloniais, as tulhas, as casas de máquinas, os terreiros de café, os monjolos d'água, os córregos preguiçosos cheios de traíras, bagres e lambarís, constituem muito mais do que taperas que vão se esboroando, roídas pelo tempo. Muitas delas foram restauradas, dentro do estilo da época, como é o caso da Fazenda Pedra Branca, do amigo Carlos Alberto Coelho, homem de muita cultura e bom gosto. Por isso, ali se respira um ambiente gostoso e autêntico.

Mas outras fazendas foram desfiguradas totalmente. As vetustas" casas-grandes"que alvejavam entre palmeiras e outras árvores nobres, olhando a paisagem pelas janelas pintadas de azul colonial, transformaram-se, tornando-se irreconhecíveis. Dentro, as salas passaram a ser "living-rooms" e em lugar das antigas e pesadas mobílias de madeira de lei há peças modernas com revestimento de plástico. As cozinhas são hoje ridículas "kitchens", reluzentes de eletrodomésticos. E em lugar do velho lavador-de-café rasgaram piscinas olímpicas para o lazer sofisticado dos novos donos.

Para os historiadores, as velhas fazendas são documentos vivos da memória nacional, onde ainda palpitam vestígios de um modo de viver e de pensar para sempre perdido. A Sphan (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o Condephat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de S. Paulo) interessam-se pelas velhas fazendas com seus casarões e alfaias, quadros e porcelanas de outros tempos, cujo estudo revela o modo de vida de seus antigos donos. Os barões do café, por exemplo, mandavam buscar na Europa objetos de porcelana, pianos, azulejos e pias, que levavam semanas atravessando o Atlântico e outro tanto viajando em carroças ou em lombo de burro, por estreitas trilhas. Porque nos casarões, nos tempos áureos em que o café dava para tudo, havia candelabro e lustres de puro cristal, porcelanas inglesas e francesas, quadros de bons pintores, espanhóis e holandeses e imagens de santos modelados por artistas portugueses, embora tivéssemos santeiros de muita inspiração.

Casa-grande de fazenda antiga autêntica possuía seu oratório com imagens do santo padroeiro e outras, iluminadas dia e noite por lamparinas de azeite. Hoje, estes oratórios enfeitam salas ricas; mas naqueles tempos de extrema religiosidade concentravam a piedade da família para terços e ladainhas e sobretudo, rezas em dias de temporal e de desgraça.

Os casarões tinham grandes terraços com trepadeiras e redes para as sestas. E quartos-de-arreio, logo à entrada; alcovas com pesadas camas de madeira de lei; e despensas enormes com barricas para o açúcar, o feijão e o arroz; prateleiras para o sabão de cinza e velas; e fieiras, como varais, onde se penduravam toucinho e metros de linguiças. As senzalas, conforme o tamanho, indicavam o maior ou menor poderio do senhor. Mais distantes, ficavam a olaria, a serraria e a oficina do ferreiro com sua bigorna, malhos e fornalha fumegante. Porque como feudos, as fazendas produziam de tudo.

O que não faltavam eram lendas e "causos", mantendo viva a tradição. Como os castelos ingleses possuíam seus fantasmas, também os nossos casarões tinham suas almas-do-outro mundo, quase sempre escravos martirizados, arrastando correntes e atormentando a família dos ex-senhores. Ou fantasmas de maus fazendeiros, que não achavam sossego nas sepulturas e voltavam para dormir de novo em suas cadeiras de balanço ou nas redes. E era um "nhec-nhoc" a noite inteira, apavorando todo mundo. Contavam-se coisas de arrepiar.

Mas também havia "causos" pitorescos de caçadas e pescarias, ou simples relatos, como o daquele família fazendeira que indo veranear na França, levou além da criadagem, duas vacas, no navio, para que as crianças tomassem leite fresquinho.

Há tanta coisa a relatar e lá se foi o espaço. Mas, talvez, vocês interroguem: "Que idéia essa de evocar estas coisas, quando ferve o caldeirão do diabo da política?" - Precisamente por isso. Ando enojada deste mar de lama, de tanta corrupção e descalabro. Então, dei de olhar para trás, de relembrar coisas dos tempos em que um fio de barba valia mais do que documento em cartório. Desculpem".